

# PORTUGALIA

NOVA SÉRIE, VOLUME XXXVI

HOMENAGEM A FERNANDO ACUÑA CASTROVIEJO



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2015

# PORTVGALIA

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
2015

DIRECTOR/EDITOR:  
Mário Jorge BARROCA

COMISSÃO EDITORIAL/EDITORIAL BOARD:  
Mário Jorge BARROCA  
Rui MORAIS  
Sérgio Emanuel Monteiro RODRIGUES  
Maria de Jesus SANCHES  
Teresa SOEIRO

COMISSÃO CIENTÍFICA/SCIENTIFIC BOARD:  
Fernando ACUÑA CASTROVIEJO (Universidad de Santiago de Compostela)  
Jorge de ALARCÃO (Universidade de Coimbra)  
Martin ALMAGRO (Real Academia de la Historia, Madrid)  
Joaquim Pais de BRITO (Museu de Etnologia, Lisboa)  
Luis CABALLERO ZOREDA (CCHS-CSIC, Madrid)  
Domingos de Jesus da CRUZ (Universidade de Coimbra)  
João Pedro CUNHA-RIBEIRO (Universidade de Lisboa)  
Germán DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)  
Carlos FABIÃO (Universidade de Lisboa)  
Maria Paz GARCÍA-BELLIDO (CEH-CSIC, Madrid)  
José Avelino GUTIERREZ GONZALEZ (Universidad de Oviedo)  
Wenceslas KRUTA (Université de Paris 4 – Sorbonne)  
Patrick LE ROUX (Université de Paris 13 – UFR LSHS)  
José Maria Amado MENDES (Universidade de Coimbra)  
Ángel MORILLO CERDÁN (Universidad Complutense de Madrid)  
Juan ZOZAYA STABEL-HANSEN (Asociación Española de Arqueología Medieval, Madrid).

TÍTULO/TITLE:  
*Portvgalia*

Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
*Journal of Archaeology of the Department of Heritage Studies, Oporto University – Faculty of Arts*

LOCAL: Porto

EDITOR: Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISSN: 0871-4290

ISSN DIGITAL: 2183-3516

DEPÓSITO LEGAL: 189069/02

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Clássica, Artes Gráficas – Porto

ENDEREÇO/ADDRESS:  
PORTVGALIA  
A/C Mário Jorge BARROCA  
Via Panorâmica, s/nº  
4150-564 PORTO

INTERCÂMBIO/EXCHANGE:  
PORTVGALIA  
Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/nº  
4150-564 PORTO

**Revista com Arbitragem Científica / Journal with Peer Review**  
**A PORTVGALIA está registada no Latindex, no ERIH, no DOAJ e na DIALNET /**  
**PORTVGALIA is registered in Latindex, ERIH, DOAJ and DIALNET**

Solicita-se permuta – We would like exchange – On prie bien de vouloir établir l'échange  
Sollicitiamo scambio – Tauschverkerhr erwünscht

## BANQUETEAR-SE EM VIDA E NO ALÉM: OS TESTEMUNHOS EPIGRÁFICOS

José d'Encarnação<sup>1</sup>

### RESUMO:

Procura analisar-se o significado político, social e económico dos banquetes (*epula, coenae*) referidos em monumentos epigráficos romanos, atendendo, inclusive, aos que neles eram convidados a participar. Alude-se às representações dos banquetes funerários, como indício claro da crença de que os defuntos careciam de alimento e... de companhia!

**Palavras-chave:** Banquetes funerários; *Epulum*; *Cupa*.

### ABSTRACT:

An essay about public banquets and their political, social and economical significance, in the Roman time, even if we know the people who was invited to participate on them. The representations of the banquet in a funerary context show also that Romans believed that the defunct needed food and company!

**Keywords:** *Epulum*, Funerary banquets, *Cupa*.

Da importância do banquete e da comida na vida quotidiana não podiam alhear-se os monumentos epigráficos romanos. Pela escrita e pela decoração.

A escrita assume, de modo particular, um cunho político-social. Tal como hoje, os *cocktails* de que as revistas 'society' se fazem eco: quem oferece, quem participa e porquê. O benemérito, que assim se evidencia, conquista votos, arrecada prestígio – *epulo dato, remissis cenis publicis...*

Com uma monumental feijoada à portuguesa se festejou a inauguração da Ponte Vasco da Gama, *super Tagum Olisipone; dato epulo, Annia Victorina aquam sua omni impensa perduxit factis pontibus et fistulis et lacubus cum suis ornamentis*, em Santisteban del Puerto, Jaén, como reza monumental dedicatória do tempo dos Romanos.

E Petrónio captou bem essa imagem, ao mostrar as magnificências de Trimalquião, um rol infundável de surpresas, e ali mesmo, chamando Habinas, a quem já encomendara a construção do túmulo, determina como quer o seu epitáfio:

«Aqui jaz Gaio Pompeio Trimalquião Mecenatiano. Foi eleito sêxviro na sua ausência. Embora pudesse pertencer a todas as decúrias, em Roma, não o quis. Escrupuloso, corajoso, fiel, partiu de pouco e deixou trinta milhões de sestércios. E nunca foi aluno dos filósofos. Descansa em paz – tu também».

---

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra.

Para a Última Ceia reservou Cristo a instituição da Eucaristia, completando assim um ciclo que noutra banquete iniciara – as bodas de Caná. Como que a sublinhar que o banquete se quer eterno – como os Romanos também pretendem dizer com as cenas do banquete fúnebre. Lá está o defunto reclinado, as iguarias, os vinhos, os servos dedicados...

A vida e a morte. Refeição para a vida que no Além se prolonga!

Interessará, pois, entrelaçar cada vez mais os dados dos textos literários com os do quotidiano lapidar:

- Que é, verdadeiramente, um epulum?
- Como se distingue de uma coena?
- Em que circunstâncias se dava um e outro?
- E a quem: amicis, civibus, populo, plebi, ordinibus...

Ah! E as copas? Representarão elas a bebida sagrada de que o morto eternamente se inebriará no Além? Talvez não!... Mas os cachos de uvas e as papoilas dormideiras não poderão querer significar outro alimento, outra... droga?

E as cenas de caçadas (*venationes*) que aparecem em sarcófagos são representações da realidade (por vezes se identificam os caçadores) ou o voto de que a carne fresca jamais falte ao defunto?

E se, na Península Ibérica, estudarmos as zonas em que aparecem as estelas epigrafadas com banquetes será que não chegaremos também a conclusões interessantes acerca de curiosas aculturações?

## 1. OS BANQUETES PÚBLICOS

Para comparar com o que se passara em Portugal, aquando da inauguração da Ponte Vasco da Gama, em 1998, aduzi atrás a epígrafe onde se perpetua o facto de a benemérita *Annia Victorina* haver querido assinalar *dato epulo*, ou seja, oferecendo um banquete, a inauguração do aqueduto (*aquam perduxit*) que mandara fazer totalmente a expensas suas (*sua omni impensa*), não se esquecendo de especificar que também fora de seu encargo a construção das respectivas pontes, saídas de água e tanques de decantação, com os respectivos ornatos: *factis pontibus et fistulis et lacubus cum suis ornamentis*<sup>2</sup>.

*Epulo dato*: traduziríamos por «oferecendo um banquete», conotando-se a palavra com 'uma lauta refeição', não tão abundante e variada, é bem de ver, como a que Petrónio imagina para o seu faustoso Trimalquião, mas algo que não deixasse por mãos alheias os créditos da benemérita, que do seu gesto esperava receber, obviamente, ainda maiores proventos, não apenas em prestígio pessoal mas também – e, naturalmente, sobretudo! – em termos de consolidação de uma clientela política que muito interessava manter. De resto, o objectivo fundamental da iniciativa vem expresso logo no começo da epígrafe: honrar a memória de seu marido e filho – *ob memoriam Marci Fulvi Moderati mariti et Marci Fulvi Victorini filii*. Os *Marci Fulvii* seriam, pois, família cujo renome importava reter.

Na sua análise acerca da utilização do termo *epulum* – que reconhece abundante e significativa na Bética –, Javier Del Hoyo começa por esclarecer que se considera *epulum* «o banquete público que – com carácter sagrado – se celebrava tendo como pano de fundo algum acontecimento importante», como é o caso, e dá uma ideia do que se sabe acerca destas iniciativas<sup>3</sup>. E poderá consultar-se com proveito a entrada «epula» do *DA*, da autoria de Fustel de Coulanges, que, no final, acentua o facto de os *epula* se terem transformado, para o vulgo, em mera «distribuição de carne, de pão e de vinho ou dinheiro», uma instituição que, como outras, não desapareceu mas se corrompeu, perdido o carácter sagrado d'outrora<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Veja-se em <http://eda-bea.es/>, registo n° 9380, a inúmera bibliografia acerca desta epígrafe.

<sup>3</sup> DEL HOYO 1993: p. 74.

<sup>4</sup> Tomo 2, volume 1, pp. 736-738.

Tal como na actualidade, haveria convidados para tais banquetes, que não a população em geral. Na inscrição de *Balsa* (Tavira), em que *Annius Primitivus* agradece à deusa Fortuna Augusta ter sido eleito sêxviro, há referência a que uma das iniciativas que tomou foi a de presentear a população: *sportulis etiam civibus datis*<sup>5</sup>. A frase é bem clara: foram os cidadãos os destinatários dessas ofertas. Compreende-se: foram eles que votaram, são eles que continuam a ter o direito de votar e é o seu voto a paga. Por conseguinte, os *epula* só em casos verdadeiramente excepcionais – que não deixarão de ser também lapidarmente assinalados – é que abrangerão elementos exteriores aos *cives*. De resto, quando, na mesma cidade de *Balsa*, *Manlia Faustina* celebra, com expressa autorização dos decuriões, a memória de seu irmão, *Titus Manlius Faustinus*, que fora duúnviro por duas vezes, *epulo dato*, «dando um banquete», certamente os participantes nesse banquete se terão recrutado de preferência entre os *amici* da conceituada e localmente marcante *gens Manlia*<sup>6</sup>.

Um outro exemplo peninsular, mui provavelmente de Linares – Cazlona, Jaén: os *municipes Castulonenses* honram *Quintus Torius Culleo*, governador da Bética, porque, entre outras muitas benemerências, *epulo populo remisit*<sup>7</sup>. Aqui, o destinatário da oferta é o *populus*, a população, os habitantes; serão, porém, os habitantes livres e no uso dos seus direitos civis. Traduzindo, à letra, «povo», acabar-se-ia por dar uma ideia susceptível de induzir em erro, tão cientes estamos hoje que «povo» é a população indiferenciada – conceito que se não adequa à época romana. Recorde-se, a título de exemplo, a frase consagrada *senatus populusque romanus*: o *populus* é, também aqui, apenas o conjunto dos cidadãos no gozo pleno dos seus direitos.

Numa epígrafe identificada em Rute (Córdoba), assinala-se que *Caius Valerius Valerianus forum aedes quinque signa deorum quinque statuas suas sua impensa dedit donavit*, isto é, foi Gaio Valério Valeriano quem, a expensas suas, deu e ofertou (repare-se no reforço veiculado pelo pleonasma, em que o significado de 'doação' é mais forte que o de singela dádiva) o fórum, um edifício (quicá um templo), cinco estátuas de divindades e – pasme-se! – cinco estátuas suas! Não deixou seus créditos por mãos alheias. Não é, contudo, esse o motivo por que se traz este testemunho à colação: é que competiu à sua neta e herdeira proceder à dedicação de todo esse acervo monumental, sublinhado com um banquete: *Flavia Valeriana neptis heres epulo dedicavit*<sup>8</sup>.

As razões, atrás enunciadas, de tais repastos não serem nem social nem politicamente inocentes encontram confirmação numa outra epígrafe, achada em Lucena (Córdoba), referente ao mesmo *municipium Cisimbrense*, segundo a qual, tendo a ordem dos municípes decretado a erecção de uma estátua a *Valeria Acte*, é a neta *Flavia Valeriana* que, aceite a honra e paga a despesa pela avó, se encarrega de a mandar fazer: *Valeriae Actes ordo municipum municipii Cisimbrensis ob merita eius statuam decrevit; Valeria Acte, honore accepto, impensam remisit. Flavia Valeriana neptis faciundam curavit*<sup>9</sup>. Facilmente se compreenderá, pois, quão significativos são tais gestos em termos sociopolíticos. No banquete se trocariam impressões, se gízariam negócios, se louvariam as benfeitorias de tão nobre e dedicada família!...

E se a expressão *epulo populo*, a consignar a organização de um banquete para o povo, amiúde se regista nos textos epigráficos, outras há também assaz significativas. Assim, do termo do município romano de *Iporca* (Sevilha) temos uma epígrafe a dar-nos conta de que *Cornelia Prisca* cumpriu, como herdeira, a ordem testamentária de seu irmão, *Quintus Cornelius Gallus*, de gratificar os decuriões (*testamento suo sportulis datis decurionibus poni iussit*), fazendo-a acompanhar de um banquete: *dato epulo plebi et ordini*.<sup>10</sup> Ou seja, o banquete foi oferecido não apenas ao conselho municipal mas

<sup>5</sup> IRCP 73.

<sup>6</sup> IRCP 79. Fig. 1.

<sup>7</sup> Cf. <http://eda-bea.es/>, registo n° 9410.

<sup>8</sup> Cf. <http://eda-bea.es/>, registo n° 2220.

<sup>9</sup> Cf. <http://eda-bea.es/>, registo n° 2222.

<sup>10</sup> Cf. <http://eda-bea.es/>, registo n° 866.

também à população, aqui identificada como *plebs*, o que nos dá a entender serem usufrutuários da benesse todos os habitantes. Fácil é depreender-se que se está perante a satisfação de (em sentido lato) uma dívida contraída...

Anote-se ainda a expressão *epulo annuo*, que vamos encontrar, por exemplo, numa epígrafe identificada em Caravaca de la Cruz (Múrcia), no termo do que foi, em tempo de Romanos, a *res publica Assotatorum: Lucius Aemilius Rectus*, conceituado *scriba* a quem várias cidades concederam a honra de ser seu cidadão honorário e que o imperador Adriano agraciou com a categoria de cavaleiro, determinou por testamento, na sua qualidade de *patronus* da referida *respublica*, que anualmente ali se fizesse um banquete, para cuja concretização certamente terá legado a necessária quantia, cujo respectivo montante – mui naturalmente – não vem expresso<sup>11</sup>.

A inscrição lavrada num pedestal de mármore, dado como procedente de Constantina (antiga *Iporca*, perto de Sevilha), informa que a *Ordo Iporcensium* honrou a sua sacerdotisa perpétua com uma estátua, homenagem acompanhada de *cenae publicae*, que, ao contrário do que seria habitual, a própria *ordo* pagou (diz o texto «*remissis cenis publicis*»), tendo os sêxviros, sacerdotes do culto imperial normalmente eleitos entre os libertos, contribuído também para as despesas, o que pressupõe terem também eles beneficiado do repasto. Em HEp 11 2001, sob o n° 453, dá-se conta das interpretações que o documento tem proporcionado, porquanto o original desapareceu e resta o texto num manuscrito; o que, todavia, nos interessa frisar é o hábito de se promoverem ceias, cuja realização a *Lex Irnitana* devidamente regulamentou; ceias, neste caso, «públicas», ou seja, se a interpretação à letra é válida, abertas a toda a população do aglomerado urbano.

Valerá a pena, a este propósito, recordar o artigo clássico de Charles Michel, que diz expressamente:

*Les occasions de grands repas publics ou, pour mieux dire, de repas donnés au peuple* (cenae populares) se représentaient assez fréquemment, soit dans les cérémonies religieuses, soit lorsque des candidats aux fonctions publiques, des triomphateurs, des héritiers de riches personnages, y invitaient tout le peuple [EPULA]. En outre, chaque corporation sacerdotale, chaque curie, chaque gens semble avoir eu des repas de corps à la suite des sacrifices qu'elle accomplissait régulièrement dans l'année<sup>12</sup>.

## 2. A VIDA PARA ALÉM DA... VIDA TERRENA

Escusado será acentuar a crença que, de um modo geral, todos os povos têm acerca de uma existência para além da vida terrena, independentemente da forma como essa vida é concebida. O mais fácil – dada a enorme espessura do mistério... – é imaginá-la como prolongamento desta. Por isso, os Romanos tratavam de a pensar em termos gastronómicos também.

Significativos são, nesse aspecto, alguns textos encontrados em contexto funerário. Lidia Storoni Mazzolani coligiu alguns bem significativos, de que cito dois:

*Vita brevis, spes fragilis, venite!*

*Accensus est. Dum lucet, bibamus, sodales!*<sup>13</sup>

«A vida é breve, frágil a esperança: entrai! A lareira está acesa; enquanto houver luz, vamos beber, companheiros!»

*Hoc ego sum in tumulo Primus notabilissimus ille vixi lucrinis, potabi saepe falernum balnia vina Venus mecum senuere per annos*<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Cf. <http://eda-bea.es/>, registo n° 12 229.

<sup>12</sup> É a entrada «coena», no atrás citado *DA*, tomo 1, vol. 2, p. 1282.

<sup>13</sup> ILS 8607; Mazzolani, 1991: p. 119.

<sup>14</sup> CIL XIV 914; Mazzolani, 1991: p. 101.

«Neste túmulo estou, aquele notabilíssimo Primo! Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho, amores foram minha companhia até à velhice».

Foi, a primeira, frase gravada num copo, encontrado em Klagenfurt (Áustria), e pressupõe, em contexto funerário, que seja o defunto a convidar os transeuntes, seus amigos, a que a ele se ajuntem, enquanto há vida, enquanto é dia, para que, no quente conforto da lareira, façam uma saúde à vida: à deles e à dele também. A bebida, um elixir, uma fonte de convívio – que, em companhia, a eternidade passa mais depressa!...

A segunda fala é colocada na boca de Gaio Domício Primo. Profundamente impregnada do espírito epicurista, põe a tónica no que foram os prazeres que teve a dita de a vida lhe proporcionar. Assim, as deliciosas ostras afrodisíacas acompanhadas de bem fresco e apetitoso Falerno, o vinho mais celebrado pelos escritores antigos!...<sup>15</sup>

E estas referências levam-nos de imediato às representações dos banquetes funerários, que sarcófagos e até singelas estelas funerárias ostentam. São eco, naturalmente, da necessidade real de os parentes do defunto prepararem viandas a fim de bem receberem familiares vindos de fora para as cerimónias fúnebres. Aliás, até mais tarde, ao lembrar-se o defunto aquando, por exemplo, do aniversário do seu passamento, a antecâmara do jazigo oferecerá viandas também para que, de copo em punho, de novo se brinde por este salutar convívio entre os mortos e os vivos<sup>16</sup> – e aí estão os monumentos funerários da Isola Sacra, perto de Roma, ou de Carmona, não longe de Sevilha, a demonstrá-lo, com uma arquitectura que integra essa antecâmara para o repasto. Elucidativa nesse âmbito é a epígrafe sobre que Francisco Marco se debruçou, pois que se refere a um túmulo que tinha uma *aediculam cum vinea et muris*, es decir, *una viña funerária rodeada de un recinto mural como espacio aislado en el que llevar a cabo los banquetes de aniversario en memoria del defunto*<sup>17</sup>; prescreve-se, de resto, no próprio texto a obrigação perpétua de oferecer seis vezes por ano uma *cena*, para cujo pagamento se legou uma quantia<sup>18</sup>!

Mostram as representações em baixo-relevo o defunto reclinado, em companhia daqueles que, durante a vida, lhe foram mais queridos. Diante dele, assim heroificado, a mesa posta. Celebra-se desta sorte uma continuidade em que o alimento, o banquete e os seus rituais desempenham papel preponderante, evocando, sem dúvida, os mistérios de Diónisos, como Franz Cumont bem diagnosticou,<sup>19</sup> porque também é verdade que, na ideologia dos Romanos, «os mortos precisam de alimento».<sup>20</sup> Uma representação como a dos dois peixes estilizados patente no topo de uma cupa de Alcáçovas<sup>21</sup> não se me afigura passível de interpretar-se nem como indicativo de eventual actividade piscatória do defunto (neste caso, uma defunta: *Ama*) nem como manifestação de um desejo de que tal alimento lhe não venha a faltar na eternidade; contudo, não será porventura despidendo supor-se que a ave debicando os frutos de uma árvore (a árvore da Vida?), esculpida em relevo na face lateral esquerda da ara IRCP 448 (Fig. 3), simbolize o defunto e a vontade de que nunca o alimento lhe falte.

No que à *Hispania* diz respeito, anote-se que houve em torno de León, na região de Lara de Los Infantes, oficinas epigráficas que escolheram o banquete funerário, mesmo que mui rudemente representado e esquematizado, para decoração primordial das estelas funerárias (Fig. 4 e 5).

Poderá relacionar-se esse hábito com a presença dos soldados da *Legio VII Gemina*, cujo acampamento esteve, como se sabe, na génese da actual cidade de León. Esses soldados provinham de ambientes mais cultos, portadores dessas antigas tradições.

<sup>15</sup> Pode ver-se, a este propósito, ENCARNACIÓN 1998: pp. 131-134.

<sup>16</sup> Iconograficamente, é essa a representação – cfr. DUNBABIN 2003. Ver também COLLING 2011.

<sup>17</sup> MARCO SIMÓN 2014: p. 502.

<sup>18</sup> MARCO SIMÓN 2014: pp. 502-503.

<sup>19</sup> CUMONT 1966: p. 419.

<sup>20</sup> CUMONT 1966: p. 352.

<sup>21</sup> IRCP 427. Fig. 2.

Ao fazer o *corpus* das inscrições de Lara de Los Infantes, José António Abásolo<sup>22</sup> preferiu, a propósito das representações de banquete, remeter para o trabalho de Luis Fernández Fuster<sup>23</sup> e limitou-se a dar, na p. 171, o rol das estelas com cenas de banquete, especificando se com uma figura indeterminada, com uma figura sentada, uma figura sentada e mesa, figuras afrontadas, com um serviçal, com dois serviçais. Contudo, em 1977, debruça-se largamente sobre estas representações, que assinala serem típicas da região de Lara de Los Infantes<sup>24</sup>, preconizando, para as representações do banquete, uma datação do último terço do século I d. C.<sup>25</sup>.

### 3. AS CUPAS

A referência aos banquetes leva-nos a pensar, de modo especial, queiramos ou não, nas bebidas que neles se consomem. O vinho, por exemplo. E, nesse aspecto, chamou, desde há muito, a atenção dos investigadores o facto de haver túmulos cuja cobertura era em forma de cupa, de barril para transporte de vinho (Fig. 6). Tal circunstância levou imediatamente à ideia de que se queria simbolizar a disponibilização, para o defunto, de uma considerável quantidade de vinho, precioso néctar de que se continuaria a inebriar na eternidade.

A ideia fora proposta por Waldemar Deonna: assim se simbolizaria *la boisson sacrée dont le défunt s'enivrera dans l'au-delà*, mais um testemunho, de resto, em seu entender, do culto à divindade indígena gaulesa *Sucellus*, de que o barril era atributo<sup>26</sup>.

Na mesma linha de pensamento seguiriam outros investigadores, nomeadamente José María Blázquez Martínez, que chegou a relacionar essa forma com o culto a Diónisos<sup>27</sup>.

Com efeito, pese muito embora essa convicção, retomada por Robert Étienne, na obra que assinou com Françoise Mayet a propósito do vinho hispânico<sup>28</sup>, estou em crer que, também neste caso, o túmulo pretende ser, simplesmente, a imagem do lar confortável em que muito nos aprazeria viver.

Remeto para as considerações que já tive ocasião de fazer a este propósito<sup>29</sup> e onde concluo, depois de evocar o tecto das casas meridionais e norte-africanas em abóbada, que as cupas, mais ou menos alindadas, em determinado momento por graça 'transformadas' em barricas, quando já se lhes perdera o significado inicial, nada mais são do que a recordação dos tempos idos, passados no Norte de África, daqueles que para aqui vieram viver<sup>30</sup>. Aliás, Dolorès Julia salientou, de facto, essa origem africana:

*Les cupae de Barcelone et de Tarragone nous offrent, donc, un exemple, assez unique en Espagne, d'un type de tombeau probablement venu d'Afrique, qui [...] se prêta, sans renier ses origines, aux variations plus ou moins personnelles des ateliers de sculpture locaux*<sup>31</sup>.

### CONCLUSÃO

Na vida privada e em actos públicos, a refeição sempre ocupou lugar preponderante.

Demorou tempo a que as entidades e também as pessoas se apercebessem de que se estava, na verdade, perante um «património»: as 'receitas' tradicionais procuravam manter-se, reflexo, como

---

<sup>22</sup> ABÁSULO 1974.

<sup>23</sup> FERNÁNDEZ FUSTER 1954.

<sup>24</sup> ABÁSULO 1977: p. 65.

<sup>25</sup> ABÁSULO 1977: p. 83.

<sup>26</sup> DEONNA 1946: p. 120.

<sup>27</sup> BLÁZQUEZ 1962: 163.

<sup>28</sup> ÉTIENNE & MAYET 2000: 54-58.

<sup>29</sup> ENCARNÇÃO 2009: p. 21.

<sup>30</sup> Cf. BLÁZQUEZ 2001: p. 214.

<sup>31</sup> JULIA 1965: p. 54.



eram, de hábitos adquiridos em contacto com um ambiente de que dependia a subsistência individual e colectiva, transmitidos de geração em geração.

Veja-se que, entre nós, só a 26 de Julho de 2000 foi publicada a Resolução do Conselho de Ministros n.º 96/2000, a considerar «a gastronomia portuguesa como um bem imaterial integrante do património cultural de Portugal», preconizando, entre outras iniciativas, «a criação de uma base de dados de receitas e produtos tradicionais portugueses». Daí a elevar-se a «dieta mediterrânica» a património cultural imaterial sancionado pela UNESCO<sup>32</sup> foi um passo; e essa consciencialização determinou que, um pouco por toda a parte, cada vila ou cidade se comesse a intitular «capital» de determinada iguaria e passassem a multiplicar-se, ao longo do ano, as semanas ou quinzenas gastronómicas... Não deixa de ser elucidativo – apenas para se dar um exemplo – que uma cidade como Tudela de Navarra, de tão grandes tradições históricas e tão rica em significativos monumentos, se intitule «Capital da Verdura» e sejam os seus afamados legumes o chamariz da sua mais solene festividade anual<sup>33</sup>.

E não é, pois, de admirar que o n.º 28 (Abril de 2015) da revista *Visão História* esteja inteiramente dedicado ao tema «À mesa – Cinco mil anos através da alimentação»<sup>34</sup>! O tema é aliciante, convidativo – e apetece lembrar o convite lavrado naquele copo romano:

*Accensus est. Dum lucet, bibamus, sodales!*

«A lareira está acesa! Enquanto a noite não chega, vamos a mais um copo, companheiros!»<sup>35</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- ABÁSULO, José A. (1974), *Epigrafía Romana de la Región de Lara de los Infantes*, Burgos, Diputación Provincial.
- ABÁSULO ÁLVAREZ, José Antonio (1977), Las estelas decoradas de la región de Lara de los Infantes: estudio iconográfico, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 43, Valladolid, Servicio de publicaciones de la Universidad de Valladolid, pp. 61-97.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José M. (1962), *Religiones Primitivas de Hispania*, vol. I – *Fuentes Literarias y Epigraficas*, Roma, C. S. I. C.
- BLÁZQUEZ, José M. (2001), *Religiones, Ritos y Creencias Funerarias de la Hispania Prerromana*, Madrid.
- COLLING, David (2011), Les scènes de banquet funéraire ou *Totenmahreliefs* originaires d'Arlon, *Bulletin Trimestriel de l'Institut Archéologique du Luxembourg*, 87, 4, 2011, pp. 155-176.
- CUMONT, Franz (1942), *Recherches sur le Symbolisme Funéraire des Romains*, Paris, [reimp. 1966].
- DA = DAREMBERG, Charles; SAGLIO, Edmond (1877-1919), *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette.
- DEL HOYO, Javier (1993), Un aspecto socioeconómico de la Bética: los epula, *Actas del I Coloquio de Historia Antigua de Andalucía*, vol. II, Córdoba, pp. 73-88.
- DEONNA, Waldemar (1946), Quand Dieu roule ses tonneaux, *Genava*, 24, pp. 118-124.
- DUNBABIN, Katherine M. D. (2003), *The Roman Banquet: Images of Conviviality*. Cambridge.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1998), *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, Livraria Minerva.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2009), *Paisagens da Antiguidade*, Lisboa, Apenas Livros (Coleção Ofiúsa, n.º 15).
- ENCARNAÇÃO, José d' (2012), A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*, in ANDREU PINTADO, Javier (editor), *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Fundación Uncastillo e UNED Tudela, 2012, pp. 437-450. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/18439>.

<sup>32</sup> A classificação ocorreu em Baku, no Azerbaijão, a 4 de Dezembro de 2013, durante a 8.ª Sessão do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO.

<sup>33</sup> Cfr. ENCARNAÇÃO 2012.

<sup>34</sup> Dos textos aí exarados, salientem-se dois que dizem respeito à Antiguidade Clássica: «Pão com todos na Grécia Antiga», de Carmen Soares (p. 24-27); «Roma banquetes e frugalidade», de Carlos Fabião (p. 28-35), que também assina «Conservas de peixe 'made in Lusitania'» (p. 36-37).

<sup>35</sup> Este texto teve como ponto de partida a lição proferida, a 3 de Julho de 2002, em Mérida, no Museu Nacional de Arte Romano, integrada no Curso de Verão «Alimentos de Hombres, Manjares de Dioses – Productos, Comercio y Banquete en Roma».

- ENCARNAÇÃO, José d' (2012), Cidade, gastronomia e património, *Revista Memória em Rede*, v. 2, n. 7, Jul/Dez 2012.  
Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20662>.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2013), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, Instituto de Arqueologia (1ª edição: 1984). Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>. [=IRCP. Cita-se o nº da inscrição no *corpus*].
- ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (2000), *Le Vin Hispanique*, Paris, De Boccard.
- FERNÁNDEZ FUSTER, Luis (1954), La escena hispanorromana del banquete, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, LX/1, Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 245-259.
- ILS = DESSAU, Hermann (1974 - reed.), *Inscriptiones Latinae Selectae*, Dublin/Zurique.
- JULIA, Dolores (1965), Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarraconaise, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 1, Madrid, Casa de Velázquez, pp. 29-72.
- MARCO SIMÓN, Francisco (2014), Tricontis Petrudecameto. Un banquete funerario en memoria de un nauta galorromano, in CAPALVO LIESA, Álvaro [coord.], *Miscelánea de Estudios en Homenaje a Guillermo Fatás Cabeza*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, pp. 501-507.
- MAZZOLANI, Lidia Storoni (1991), *Iscrizioni Funerarie Romane*, Milão, Biblioteca Universale Rizzoli.
- PETRÓNIO, *O Satíricon*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1973.



**Fig. 2** – IRCP 79



**Fig. 2** – IRCP 427



**Fig. 3** – IRCP 448.



**Fig. 4** – Estela de Lara de Los Infantes. Foto de José A. Abásolo.



**Fig. 5** – Estela de Lara de Los Infantes. Foto de José A. Abásolo.



**Fig. 6** – IRCP 256.